

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS / SHORT REVIEWS

UGEUX, Bernard / RULMONT, André: *Celui qui est chrétien, celui qui ne l'est plus...* Paris: Desclée de Brouwer, 2009. 286 p., 21 X 14 cm. ISBN 978-2-220-06064-4.

Livro escrito em estilo autobiográfico que nasce de um encontro dos dois autores no mosteiro de Rixensart na Bélgica. Ligam-se por laços da família, já que a esposa de André é prima de Bernardo. O tema da conversa, depois das rápidas informações sobre família, gira sobre religião, espiritualidade, busca de Deus. Então, Godelieve, a esposa de André, sugere que se gravem e se prolonguem tais encontros e conversas e se escreva um livro, de que ela se encarregaria de dar forma. Ei-lo então aqui publicado.

André é pesquisador na área das ciências exatas e também curioso do campo da espiritualidade. Bernardo é sacerdote, já há 32 anos, dos Padres Brancos, que missionou e visitou muitos continentes e países.

André, de família católica, estudara em colégio religioso, mas desde os anos juvenis sentia enorme dificuldade com a religião católica e a abandonou para tornar-se um peregrino da espiritualidade. Bernard manteve-se fiel a sua vocação cristã e sacerdotal.

O livro reflete, de início, a face existencial dos dois interlocutores. O ponto em comum: uma busca séria e existencial de Deus. A diferença maior, que marcará todas as discussões, advém da percepção, interpretação e vivência do mundo divino.

Bernard vive a fé no interior da Igreja católica. Todo o arcabouço de verdades, ritos, práticas, prescrições, balizas normativas não o impede de manter-se fiel a sua fé cristã em Deus, em Jesus Cristo no interior da Igreja. André, pelo contrário, teve experiência traumática com a objetividade católica. As verdades, os ritos, as prescrições soavam aprisionamento e falseamento de sua experiência. Por isso, já bem jovem, abandona a fé cristã nos moldes de sua transmissão.

A partir dessas duas posturas básicas, fundamentais se entende todo o conjunto das conversas. A cada tema que se lança, ora um, ora outro faz o papel de interrogador e outro responde. Contrapõem-se assim essas duas atitudes iniciais e persistentes.

O primeiro questionamento gira em torno de Deus. Enquanto Bernard, na lídima tradição bíblicocristã, afirma o caráter pessoal de Deus, de sua relação com as criaturas, com a história humana, André rejeita como pretensão humana, como algo incompreensível atar Deus a arcabouços dogmáticos,

à Escritura. Para ele, o ser humano busca antes o Divino, uma Energia Consciente maior, um Mistério, no qual mergulha, com o qual se envolve, sem nunca vislumbrar algo mais que a experiência espiritual. Fazer o bem consiste em adequar-se, em harmonia, respeitar a harmonia escondida do universo e, neste sentido, entrar em ressonância com a energia divina. Os termos harmonia, energia envolvente, consciência dessa experiência marcam o itinerário teórico de André.

Ambos afirmam a condição do ser humano como buscador de sentido. Para Bernard, o sentido se encontra numa pessoa: Deus. Para André está na própria busca humana. Basta-nos essa experiência, sem carecer de outra definição do que virá mais tarde. É suficiente o movimento de busca espiritual.

André confessa devedor de espiritualidades orientais que esfumam a realidade de Deus num vago buscar humano, numa atmosfera espiritualizante, enquanto Bernard firma-se na tradição judaicocristã do Ocidente e na muçulmana de um Deus pessoal.

No fundo, todo o livro gira em torno dessas diferenças e, sob certo sentido, algo complementar, mas sem nunca identificarem-se. São duas vias que, na última radicalidade, não se encontram no nível da interpretação teórica.

O livro sofre de certa lentidão e repetição por causa do gênero autobiográfico. Voltam-se ambos continuamente às duas experiências fundantes iniciais. E daí não saem. O leitor que se encontra em face de tal alternativa existencial deparará no livro com interessantes dados para discernir o seu caminho. Ou se ele já tem clareza sobre sua via, verá refletido em outro o próprio caminhar.

Em última análise, espelham-se nesse diálogo duas tendências bem fortes nesses tempos de pós-modernidade. Reavivam-se as buscas da religião na sua exterioridade como ponto de referência e mediação necessária para encontrar a Deus, de um lado. De outro, está a crescente multidão daqueles que se alimentam de um Deus anônimo, perdido no mistério do humano, do cósmico, do espiritual. Mais etéreo que real, mais sentido que pensado, mais experimentado espiritualmente que traduzido em ritos, verdades e aspectos institucionais.

Essa problemática afina-se com o novo paradigma ecológico que se impõe cada vez mais. Dilui-se não somente o Deus criador, mas também a presunção dominadora do ser humano sobre o mundo. Prefere-se a atitude contemplativa à ativa. Inverte-se o sinal da modernidade que inaugurara a era da ação em oposição à contemplação rural tradicional para redescobrir um outro tipo de contemplação espiritual, de toque místico. Não denota a impotência do ser humano, antes a renúncia à potência por descobrir a sua comunhão maior com o todo do universo.

O livro gira em torno dessa ampla temática, não de maneira teórica e elaborada a partir de autores, mas reflete as considerações pessoais dos dois interlocutores. E a partir dessas posturas fundamentais debatem a historicidade de Jesus, para um importante, para outro não. Discutem sobre a presença histórica decrescente do Cristianismo na sociedade de hoje, sobre a interpelação da ciência à religião, sobre tensões clássicas entre unidade e diversidade no respeito da diferença, entre universal e particular de maneira harmoniosa, entre homem e mulher na sua importância na sociedade, cultura e religiões. Nem faltaram as duas questões cruciais do enigma do mal e da vida depois da morte.

Tudo termina com os dois postos na posição inicial, mas matizadas pelo debate. Se um leitor quiser conhecer esses caminhos, eis uma boa leitura.

J. B. Libanio

MARTINI, Carlo Maria. *La fuerza de ladebilidad: reflexiones sobre Jó*. Santander: Sal Terrae, 2014, 133p. 20cm x 13cm. ISBN 978-84-293-2182-1. Tradução do original italiano *La forzadelladebolezza: larispostadella fede nel tempo della prova*, de 2012.

Autor já conhecido, também por este gênero de escrito, reflexões sapienciais a partir de livros da Bíblia, na pregação de retiros espirituais seguindo o método dos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola. O cardeal Martini (1927-2012), jesuíta, biblista, foi arcebispo de Milão (1980-2002). Mesmo depois de cumprir seu ministério pastoral nessa arquidiocese, oferecia um retiro aberto ao clero milanês, uma vez ao ano. Desta vez toma como base e fonte de inspiração o livro de Jó – livro da provação do ser humano – para tratar do tema das provações que o ser humano experimenta ao longo de sua existência. Sempre com afável acolhimento, reservava um momento do retiro para esclarecer dúvidas, responder questões que os participantes quisessem lhe dirigir.

O objetivo amplo das reflexões nessa oportunidade é “renovar o espírito de oração” sob três aspectos concretos. Primeiro, considerar o tempo que se deve dedicar à oração, que pode ser mais amplo. Segundo, olhar os hábitos de oração, que tendem a desfazer-se, podendo retomá-lo exercitando-se na disciplina ao longo das jornadas do retiro. Terceiro, rever o modo de oração, que deveria caracterizar-se por três atitudes: a devoção, o *respeito* a Deus que se verifica nas palavras, nos gestos do corpo, na atenção e no silêncio; a *submissão* de nosso ser ao mistério de Deus, a reverência amorosa; o *afeto*, uma vez que a oração é um acontecimento afetivo. A motivação evangélica fundamental está no evangelho de Lucas: “Vós sois

aqueles que permaneceram comigo em minhas provações” (Lc 22,28). Essas provações não se limitam às circunstâncias históricas de Jesus de Nazaré, mas se estendem também às provações *messiânicas, do Reino*. As provações compreendem dois aspectos, objetivo e subjetivo. Ao dizer “em minhas provações” Jesus deixa transparecer o aspecto afetivo dessa experiência, pois constituem algo profundo e pessoal. “Permanecer” indica perseverança, estar com Jesus, guardar a Palavra. A provação tende a levar o ser humano a voltar atrás, desaminar. A atitude oposta a tal situação não é a vitória imediata, mas a resistência, o permanecer firme e solidamente. A vida humana e cristã passa, inevitavelmente, pela provação. São Tiago sintetiza o que significa a vida do ser humano vista sob esse prisma. “Feliz aquele que suporta a provação, porque, uma vez provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam” (Tg 1,12).

O primeiro tema tratado é o “mistério da provação”. Passa em revista a problemática de Jó, as perguntas que levantam os personagens, os ensinamentos. Jó é o livro dos “mais pobres da humanidade”. A este propósito e cita o livro de G. Gutiérrez intitulado *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente: una reflexión sobre el libro de Job*. No passo seguinte, comentando o capítulo três de Jó, mostra a sua luta com Deus, seu desespero diante de sua dolorosa situação. Pergunta-se pelo sentido de sua existência e chega a pedir a própria morte. Outros personagens bíblicos, como Elias e Jonas, também experimentaram semelhante sofrimento. O grito de Jó chega ao nosso mundo de hoje. Esta história se constitui em uma lamentação em forma de oração. Evoca novamente G. Gutiérrez que cita Westermann: “Em minha pesquisa, parto do simples reconhecimento de que no Antigo Testamento o sofrimento humano tem sua linguagem própria, e que não se pode compreender a estrutura do livro de Jó se antes não se compreendeu esta linguagem, quer dizer, a linguagem da lamentação” (p. 40). A lamentação se vincula profundamente à oração de modo que se torna um elemento de súplica e invocação de Deus.

Prosseguindo o retiro, passa-se aos capítulos 29, 30 e 31, para refletir sobre o “exame de consciência de Jó”. Em três momentos conforme se intitulam, respectivamente, os capítulos: “O canto do passado e a nostalgia”, “O canto do presente e o horror” e “O canto do futuro e a inocência”. Neste exame, Jó se considera inocente e justo nos diversos momentos de sua existência. O monólogo de Jó poético e lírico e cheio de imagens se conclui com um desafio a Deus. O poema constitui um instrumento para entrar no mistério de Deus e do ser humano. Na orientação para a meditação, afirma o A. que um homem tal como o apresenta o monólogo, nunca existiu, tratando-se portanto de “uma projeção de um Adão paradisíaco” que faz tudo em vista da perfeição. Assim se conclui este momento: “As dramáticas páginas do livro de Jó nos fazem entrever esta profunda busca do coração que deseja uma relação com Deus que vá além da mera obediência, da mera justiça: uma relação na qual se joga a liberdade de cada

qual para dar-se, entregar-se e dedicar-se com desinteresse e com pureza” (p. 63). A meditação sobre o mistério de Deus toma os capítulos 9, 28, 38 e 39. A reflexão sugere uma atitude fundamental do ser humano ante o mistério de Deus iluminada pela atitude do personagem Jó. Ele ensina que ante este Mistério o ser humano pode compreender o valor de crescer no “abandono ao mistério, com humildade e espírito de escuta, no amor recíproco, paciente e perseverante” (p. 79). Em outro momento reflete sobre “a luta pela obediência da mente”, explorando a expressão bíblica *obediência da fé*, que o A. relaciona com a desordem da mente, os diversos modos de obediência da mente e purificação da mente. A desordem da mente é uma situação constante e a luta contra tal desordem constitui uma das ocupações mais relevantes para quem “deseja obedecer a Deus e abandonar-se à sua ação”. A tentação da desobediência, a não aceitação de Deus, é a grande tentação que impregna todo livro de Jó. Este, porém, o aceita, o que constitui seu grande ato de fé, ao qual chegou depois de longo e penoso sofrimento. Chegou à obediência da mente, “que é amor, humildade, reverência amorosa, submissão que compendia toda a espiritualidade da aliança: confiança em quem se é aliado, abandono em suas mãos, sem necessidade de saber tudo sobre ele nem sobre mim” (p. 15-16).

Na continuidade ao comentário do livro, Martini apresenta outros exemplos de luta com Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento, sob três dimensões: antropológica, cristológica e trinitária. Evoca Jacó que lutou com o anjo de Deus, Maria que lutou com Jesus para que fizesse o milagre de Caná, a mulher cananeia que lutou com Jesus para que curasse sua filha. Em Jesus, abandonado pelo Pai na cruz, mas em cujas mãos se entrega, se encontram todas essas figuras. Apresenta ainda três exemplos de “obediência da mente”. Abraão (Gn 22,1-19; Hb 11,17-18), Jó (Jó 40-42), Jesus (Mc 14,32-36; Hb 5,7-9). Jesus é definitivamente o modelo na luta pela obediência da mente, pois se abandona nas mãos do “mistério inesgotável, criativo e surpreendente de Deus” (p. 119).

Por fim, a última meditação aborda Jó e o Cântico dos Cânticos. Tema comum a ambos os livros é a busca incansável de Deus. Em Jó se busca a justiça divina, procura-se saber como ela se manifesta e como o ser humano pode compreendê-la (Jó 19,21-27; 42,5). Nos Cânticos dos Cânticos há a busca incansável do amor, do rosto do amado, de sua presença e do gozo de sua presença (Ct 2,8-14.16; 3,1-4; 5,2-6; 6,3; 7,11). Essa busca pelo amado conhece a decepção. Porém, essa decepção não se dá por vencida, pois “quem busca está movida pelo amor”. A busca está baseada na esperança indestrutível. Há uma certeza de que aquele que se busca existe e nos ama. Ao mesmo tempo está presente o tema da ânsia, do sofrimento e da espera. O problema de Jó é também o problema do amor; de saber se seu amor é gratuito, livre, mas não consegue sabê-lo. Nas diversas formas de amor há um jogo saudável. “O amor exige ausência e presença, ocultamento e busca, para aumentar a surpresa e o gozo” (p. 129). O amor puro não é

um problema do ser humano. Deus é quem confia no ser que criou e por misteriosos caminhos o leva até uma completa purificação. Da parte do ser humano, este tem que dar-se a Deus com todo o seu ser. Ao Deus, que nos conhece, corresponde atrair o ser humano para si da maneira que considera mais verdadeira e mais autêntica. O Cântico dos Cânticos nos leva a intuir que o amor verdadeiro traz em si mesmo sua plenitude, sua beleza, sua riqueza, seu prêmio. O entendimento disso é a chave para entrar no amor de Deus, um amor que se justifica por si mesmo.

Francisco das Chagas de Albuquerque